

## O ENSINO DE LIBRAS COMO L2 PARA OUVINTES ADULTOS: UM ENSAIO TEÓRICO

Cecília Andreia Martins<sup>1</sup>  
Wanderson Samuel Moraes de Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

Libras é considerada como meio de comunicação oficial da comunidade surda brasileira, mas ainda é acessível a uma pequena parcela da população. Nesse cenário, este artigo, caracterizado por ensaio teórico, objetiva discorrer sobre o ensino de Libras como L2 para adultos ouvintes por meio de revisão crítica da literatura. As discussões acerca do que caracteriza a Libras e os processos metodológicos de aprendizagem deste meio de comunicação como L2 para ouvintes serão apresentados com foco em elementos que evidenciem a relevância desta aprendizagem para a sociedade. Neste estudo, autores como Baalbaki e Rodrigues (2011), Bernardino, Pereira e Passos (2018), Silva (2020) e Freitas e Araújo (2019) contribuem com discussões que apontam para benefícios adquiridos pelo adulto ouvinte sinalizante de Libras, como aquisição de habilidades específicas proporcionadas pela sua articulação linguística na modalidade viso manual; seja pela aquisição de competências de interpretação e tradução proporcionadas pelo domínio de uma segunda língua; ou pela aquisição dos conhecimentos acerca da cultura desta segunda língua. Todos estes benefícios, aparentemente restritos àquele que aprende esta segunda língua, acabam por beneficiar toda uma sociedade, contribuindo para com a inclusão de pessoas surdas ou com deficiência auditiva e que fazem uso da linguagem de sinais. A pesquisa pode abrir ainda perspectivas para estudos futuros, de campo, acompanhando o ensino de Libras para adultos ouvintes.

### Palavras-chave:

Língua Brasileira de Sinais. Papel do professor. Libras para ouvintes. Segunda língua.

### 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a língua materna da maioria dos brasileiros, tida como língua nacional do país e língua oficial do Estado, é a Língua Portuguesa. Entretanto, é preciso refletir sobre uma parcela da população que não tem a Língua Portuguesa como sua primeira língua (L1), a comunidade surda brasileira. Para esta comunidade, a Língua Brasileira

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA – MG

<sup>2</sup> Professor Substituto de Libras da Universidade Federal de Lavras (UFLA) – Tradutor Intérprete de LIBRAS – UFLA/PRAEC

de Sinais, Libras é considerada como meio de comunicação e expressão oficial, sendo para muitos, sua língua materna (BAALBAKI; RODRIGUES, 2011).

Libras, mesmo sendo utilizada por muitos surdos como meio de comunicação, foi reconhecida no Brasil como meio legal de comunicação e expressão apenas em 2002, por meio da Lei Federal 10.436 (BRASIL, 2002), sendo regulamentada em 2005 pelo Decreto Federal nº 5626 (BRASIL, 2005). Um meio de comunicação reconhecido oficialmente há muito pouco tempo e ainda pouco conhecido no Brasil por muitas pessoas ouvintes. Considerando a acessibilidade na comunicação uma maneira de promover a inclusão de pessoas surdas, para que estas sinalizantes de Libras possam ser compreendidas e se fazer compreender por aqueles com os quais dialoga, o ensino de Libras como segunda língua (L2) para pessoas ouvintes pode contribuir para com a inclusão de surdos na sociedade.

Assim, problematiza-se: o que é Libras e quais os princípios teóricos e metodológicos ao ensino desta devem ser considerados no processo de ensino e aprendizagem para ouvintes? Este estudo, caracterizado por ensaio teórico, objetiva discorrer sobre o ensino de Libras como L2 para adultos ouvintes por meio de revisão crítica da literatura tendo como referência autores como Baalbaki e Rodrigues (2011), Bernardino, Pereira e Passos (2018), Silva (2020) e Freitas e Araújo (2019). As discussões acerca do que caracteriza a Libras e os processos metodológicos de aprendizagem deste meio de comunicação como L2 para ouvintes serão apresentados com foco em elementos que evidenciem a relevância desta aprendizagem para a sociedade.

Espera-se com este ensaio aquecer o debate e reflexões sobre o ensino de Libras como segunda língua para adultos ouvintes como forma de contribuir para com a inclusão de surdos, sinalizantes, na sociedade.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Libras enquanto modalidade viso manual**

Comumente, quando se observa pessoas surdas conversando entre si em Língua de Sinais ou quando se olha o intérprete de Libras nas “janelas de Libras” da televisão, as pessoas percebem apenas a manifestação de um conjunto de gestos, mímicas e

teatralização, que parece incapaz de expressar conceitos abstratos. Entretanto, os sinais são produzidos com parâmetros como movimentos das mãos, do corpo, expressões faciais e corporais, pontos de articulação, configurações de mão, dentre outros que possuem as mesmas qualidades das palavras faladas, com o objetivo de estabelecer uma comunicação humana.

A Libras é uma língua de modalidade viso manual, percebida pela visão e articulada por meio das mãos no espaço de sinalização, segundo Harrison *et al.* (2011). Bernardino, Pereira e Passos (2018, p. 29) corroboram com esta afirmação, quando relatam que ela é “[...] produzida pelas mãos, pelos movimentos de cabeça e da boca, pelo uso dos olhos, sobrancelhas e de outras partes do corpo e captada pela visão”, sendo uma língua gestual-visual. Ainda, segundo a Lei Federal nº 10.436/02, Libras se caracteriza por uma “[...] forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002, *online*). Considerando estas definições, defende-se a ideia de que, indiferentemente da idade em que houve aquisição pela pessoa surda, ela é sua primeira língua.

Por sua vez, quando a pessoa que tem o sentido da audição preservado, chamada de ouvinte, adquire o conhecimento sobre, a Libras, essa pode ser considerada sua segunda língua (L2), já que o português enquanto língua de modalidade oral auditiva é sua língua oficial primária (L1). Estas pessoas, ao aprenderem Libras, estão adquirindo uma L2 em uma “nova modalidade”, designada como L2M2 por alguns pesquisadores, como Picheler e Koulidobrova (SILVA, 2020), por exemplo.

Libras e seu reconhecimento aconteceram somente no ano de 2002 com a promulgação da Lei nº 10.436, que dispõe sobre a Língua e, anteriormente a esse fato, parecia haver pouca divulgação sobre ela. Acredita-se que este seja um dos fatores que levam a observância de tantas crenças e mitos a seu respeito. Pelo fato de ter uma modalidade diferente da maioria das línguas, visual e gestual, ela pode gerar a falsa ideia de facilidade de aprendizado, sendo comparada à mímica, ou ainda, ser alvo de preconceito pelo seu desconhecimento (FREITAS; ARAÚJO, 2019).

O não conhecimento acerca dessa língua também pode levar à crença de que seria possível adquirir fluência em um curto espaço de tempo. Nenhuma língua pode ser adquirida com fluência em pouco tempo e, caso haja o desejo de aprendizagem, é preciso dedicação, estudo e contato, pelo maior tempo possível, com os usuários da língua, entre outros aspectos. Assim como os ouvintes levam anos para adquirir fluência em sua língua e em outras como o inglês ou o espanhol, disciplinas de trinta horas de ensino de Libras jamais contemplarão esse aspecto.

Segundo Silva (2020), no início do aprendizado de Libras percebe-se uma grande dificuldade de compreensão quanto aos movimentos, a memorização dos sinais e a ausência de material didático para ensino. É fato que, por se tratar de algo novo, ainda há muito por fazer e, realmente, há escassez de materiais; mas, por outro lado é importante lembrar que o aprendizado de uma língua requer tempo, prática e, nesse caso, o desenvolvimento de algumas habilidades.

Libras é uma língua acessível visualmente, pois não exige ser ouvida, nem falada, mas sim ser vista e transmitida pelo corpo. Para pessoas ouvintes, deve ser ensinada como segunda língua, da mesma forma que o inglês, o espanhol e outras línguas. Contudo, muitas pessoas relatam maior dificuldade no aprendizado da língua de sinais, especificamente por ser diferente das outras línguas que são auditivas e orais e apresentar-se nas modalidades visual e gestual (SILVA, 2020).

As pessoas podem ter maior ou menor habilidade para o aprendizado de línguas, mas, para Libras, algumas habilidades especiais são necessárias, como atenção visual, destreza e certa agilidade manual. Acredita-se que o mais importante para que esse aprendizado ocorra seja a disponibilidade do aluno, assim como sua dedicação e a aceitação da diferença; afinal, esta é uma língua alheia à grande maioria dos ouvintes (BAALBAKI; RODRIGUES, 2011) e de domínio restrito a uma parcela ínfima da sociedade.

Outro conceito errôneo a respeito da língua de sinais é que ela seja universal, ou seja, uma vez que se conheça uma língua de sinais pode-se conversar com surdos de qualquer lugar do mundo (QUADROS, 1997). Essa ideia também não encontra respaldo na realidade e em descobertas científicas, pois, como em qualquer língua, as línguas de sinais são geradas pelas comunidades de surdos no interior da cultura de cada país e se

diferenciam entre si, assim como os diferentes povos têm seus idiomas, costumes e manifestações culturais próprios.

Assim, este trabalho concorda com Lacerda, Caporali e Lodi (2004) quando afirmam que, para que uma língua seja aprendida é preciso que esta faça sentido para o sujeito quando for ensinada, ou seja, ela deve fazer com que o sujeito sinta prazer em usá-la, tornando-o apto a fazer parte de um ambiente que a use funcionalmente. Essa língua só é adquirida pelo sujeito por intermédio da sua interação com o meio.

Em relação ao ensino de língua de sinais, a formação permanente dos professores é ainda mais angustiante ou aflitiva. Muitas vezes, em locais mais distantes dos grandes centros, a única aptidão exigida do professor é que ele seja fluente em Libras, sem que ele tenha passado por qualquer formação específica para o ensino e para ser professor de língua de sinais (MARQUES, 2017). Nesses casos, segundo Lacerda, Caporali e Lodi (2004), é importante a implementação da formação sistemática em cursos promovidos pelas entidades representativas da comunidade surda, proporcionando assim, um conhecimento mais aprofundado sobre Libras, reflexões sobre aspectos específicos dessa língua, metodologia e didática para o ensino de línguas.

Atualmente está sendo oferecida a graduação em Letras/Libras e algumas pós-graduações, o que representa um grande avanço. No entanto, a fluência é o resultado de muita prática. Este professor que está se licenciando nos dois idiomas precisa, ao mesmo tempo, conhecer bem o português para auxiliar o aluno em suas inferências e dúvidas, já que a aprendizagem de uma segunda língua está sempre perpassada pela língua materna do aprendiz. Os professores da disciplina de Libras acreditam que, conforme aponta Bakhtin (*apud* BRAIT, 1997) com relação ao princípio da dialogia, a troca de enunciados só é possível quando os sujeitos estão em situação dialógica, portanto, aprender algo sobre a linguagem é refletir sobre ela, compreendendo a fala do outro e sendo compreendido por meio do diálogo. Por isso, é importante que o aluno, desde a primeira aula, procure dialogar com o professor nessa língua, de forma a construir um território comum de significações que possibilitem novos conhecimentos e aprendizados.

## **2.2 Importâncias da reflexão sobre princípios teóricos e metodológicos ao ensino de Libras para ouvintes**

Existem muitas dificuldades que os professores novatos (considera-se neste texto, professores novatos aqueles que se encontra em processo de formação em nível superior, seja no Curso de Licenciatura em Letras- Libras, no Curso de Pedagogia ou outro que habilite para o Magistério; ou o profissional recém formado em algum destes) podem encontrar com relação ao ensino da Libras e elas tendem a ser maiores que as dos professores experientes. Nesse sentido, propõe-se uma reflexão sobre princípios teóricos e metodológicos ao ensino de Libras para ouvintes. Wilcox e Wilcox (2005, p. 21 *apud* MARQUES, 2017) também tratam dessa questão e afirmam que “[...] bons professores precisam de orientações curriculares e metodológicas para o ensino”. É importante contribuir, teoricamente, com a questão da presença da abordagem cognitiva na área de ensino de Libras, mas também contribuir com a formação de professores iniciantes de modo que possam desenvolver competências desejáveis para uma atuação efetiva (ROCHA, 2010).

Kumaravadelu (*apud* BERNARDINO; PEREIRA; PASSOS, 2018, p. 29-30) identifica três tipos de professores de línguas e o seu papel na educação: os tecnicistas passivos, os praticantes reflexivos e os intelectuais transformadores. Segundo o autor, é importante compreendermos os três tipos, considerando-os como tendências relativas e não opostas, que podem ser utilizadas para atender a diferentes práticas em momentos distintos.

Os professores que dotam uma postura tecnicista passiva são aqueles que têm uma relação mais rígida com relação ao conteúdo, compreendendo-o como algo concebido pelos teóricos, incorporado por eles que aplicam seus conceitos aos alunos, transmitindo os conhecimentos como o recebem, sem criar ou alterar nada com relação a estes. Já os professores praticantes reflexivos, atuam de forma crítica e imaginativa frente aos conteúdos, sendo um facilitador para os estudantes. Estes professores exercitam a reflexão na ação, refletindo sobre os conteúdos, planejando a forma de abordá-los com os estudantes, considerando suas realidades e, ao final, avaliando como foi o desenvolvimento do trabalho (BERNARDINO; PEREIRA; PASSOS, 2018, p. 29-30).

Por fim, os professores que agem numa perspectiva intelectual transformadora, são tidos como “agentes de mudança”. Para eles, suas experiências e as dos alunos contribuem para com e influenciam o ensino. “Esta posição demanda que os professores vejam a pedagogia como uma forma de transformar a vida dentro e fora da sala de aula” (BERNARDINO; PEREIRA; PASSOS, 2018, p. 30).

Além de termos conhecimento sobre estas três perspectivas acerca da postura adotada pelo professor são importantes refletirmos sobre a postura do estudante neste processo de ensino-aprendizagem. Em ambientes formais destinados ao ensino de uma segunda língua, eles precisam evitar diálogos orais com colegas, tendo em vista que é preciso concentração para aprender uma língua. Fixar o olhar na face do interlocutor que enuncia a mensagem em língua de sinais também é importante; por exemplo, se o professor estiver dialogando em Libras com um colega diante de todos, deve-se olhar para ambos para a compreensão do conteúdo. É preciso demonstrar envolvimento pelo que está sendo apresentado: se não estiver compreendendo, o aluno deve fazer uma expressão facial de negação, assim o professor perceberá suas incompreensões e dificuldades.

Independentemente do tipo de postura adotada pelo professor, podendo inclusive mesclar as três apresentadas a depender do tipo de proposta e momento em que se encontra, historicamente discute-se sobre o método correto a ser aplicado no ensino de línguas. Segundo as autoras Bernardino, Pereira e Passos (2018), o pesquisador Kumaravadivelu englobou os vários métodos existentes em três grandes grupos: métodos centrados na linguagem, onde a aprendizagem de uma língua é considerada linear e aditivo, começando por estruturas mais simples até as mais complexas; métodos centrados no aprendiz, que abarcam conceitos do método centrado na linguagem, complementando-os com a função comunicativa da língua com foco no significado; e métodos centrados na aprendizagem, em que os estudantes “[...] podem aprender através do processo comunicativo e este os levará à fluência na língua” (BERNARDINO; PEREIRA; PASSOS, 2018, p. 30).

Sendo Libras uma língua de modalidade viso motora, ou gestual-visual, qualquer que seja o método adotado, ele deve priorizar o processo interativo para desenvolver a fluência dos aprendizes. Ademais, nenhum método, por serem todos pensados e âmbitos

conceituais e em contextos idealizados, não é capaz de oferecer aos professores as respostas para todas as situações problemas enfrentadas no dia a dia, pois desconsideram uma série de fatores como “[...] a cognição do professor, a percepção do aluno, as necessidades sociais, os contextos culturais, as exigências políticas, os imperativos econômicos e restrições institucionais, todos intrinsecamente entrelaçados” (KUMARAVADIVELU, 2003 *apud* BERNARDINO; PEREIRA; PASSOS, 2018, p. 32).

Por tanto, o professor necessita reinventar sua prática, refletir sobre alterações nos métodos adotados com vistas a promover uma melhor integração entre esta teoria e prática real. Assim, o professor, conhecedor dos tipos de abordagens possíveis de serem adotadas e dos vários métodos a que pode recorrer em seus planejamentos, precisa agir como criticamente frente a estes conhecimentos teóricos, “[...] de forma a se auto-observar, autoanalisar e auto avaliar sua prática, fazendo mudanças quando necessário”, como um professor que assuma a condição pós-método (BERNARDINO; PEREIRA; PASSOS, 2018, p. 32).

### **2.3 O ensino de Libras enquanto disciplina curricular**

Existem vários movimentos e ações relacionadas à inclusão de Libras como disciplina curricular, dentre eles, o capítulo II do Decreto n.º 5.626/2005. Em seu artigo 3º, por exemplo, é bem clara a obrigatoriedade desse ensino em cursos de formação de professores, especificamente aqueles que exercerão o Magistério. Porém, observa-se que, em alguns cursos de bacharelado, sua inserção tornou-se uma prática optativa, sendo obrigatória apenas nos cursos de licenciatura, o que dificulta sua disseminação a todos os lugares e ambientes da sociedade. Isso pode gerar, conseqüentemente, situações nas quais o estudante surdo ou deficiente tente se comunicar e não seja compreendido, ou então, que após formado, este estudante tenha em sua turma alguma criança com esta condição e não saiba por onde iniciar a comunicação efetiva com ela.

Existe, também, o projeto de lei n.º 562/2019, que, no presente momento, ainda está em análise no Senado. Ele busca incluir a Libras nos currículos escolares para todos os alunos. Recentemente, no estado de Minas Gerais, o atual governador Romeu Zema



Neto, por meio da Lei nº 23.773/2021, instituiu diretrizes para a criação de escolas bilíngues em Libras e Língua Portuguesa na rede estadual de ensino. Ela especifica que ambas sejam utilizadas como línguas de instrução voltadas ao desenvolvimento de todo o processo educativo, como pode-se observar a seguir:

No Art. 2º – Serão observadas, na criação de escolas bilíngues de que trata esta lei, as seguintes diretrizes: I – promoção da identidade linguística e cultural da comunidade surda; II – garantia do ensino de Libras como primeira língua e de Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como segunda língua; III – atendimento prioritário aos alunos surdocegos, surdos, filhos de pais surdos ou surdocegos e familiares de surdos e surdocegos; IV – garantia de adaptações, modificações e ajustes para o acesso dos alunos ao currículo em condições de igualdade, promovendo à conquista e o exercício de sua autonomia, observado a legislação vigente; V – disponibilização de professores bilíngues, tradutores e intérpretes de Libras, guias-intérpretes e professores de Libras, prioritariamente surdos; VI – disponibilização de equipamentos, recursos didáticos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação; VII – gestão democrática, com a garantia de participação dos alunos e de suas famílias no processo de tomada de decisões e no funcionamento das escolas de que trata esta lei, nos termos de regulamento; VIII – promoção do uso e difusão da Libras entre as famílias e a comunidade escolar; IX – respeito ao direito de opção da família ou do próprio aluno pela escola bilíngue, observada a legislação vigente. Art. 3º – Esta lei entra em vigor na data de sua publicação. (MINAS GERAIS, 2021, *online*)

Muitos foram os documentos que reconheceram e incentivaram, em nível mundial, o uso e a difusão da língua de sinais, indicando a necessidade de garantir ao surdo o direito de acesso às informações e, conseqüentemente, sua inclusão na sociedade de maneira mais adequada, como a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994). Esse documento traz, em seu texto, a seguinte informação acerca da língua de sinais:

A importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso a educação em sua língua nacional de signos (UNESCO, 1994, p. 7).

A interação em Libras não precisa ocorrer apenas quando há a presença de surdos no espaço. “A literatura já aborda a noção de ‘espaço de sinalização’, que se baseia na ideia de um espaço mais cultural do que geográfico, e que devido a isso é moldado pelas interações e relações entre os indivíduos” (ROSEN, 2014 *apud* SILVA,

2020, p. 209). Portanto, quando pessoas ouvintes falam em Libras entre si, rompem com estereótipos a respeito da fala nesta língua e reforçam sua identidade linguística, criando um ambiente de sinalização e gerando estímulos à aprendizagem de ambos.

A aprendizagem da Língua de sinais, como segunda língua, não se dá informalmente. Ela ocorre num ambiente formal, como o estudo de qualquer outra língua. No caso de Libras, os estudantes devem ter foco na retenção das regras e na correção de erros, segundo Krashen (1981 *apud* SILVA, 2020), de modo que, ao ingressarem num curso para aprenderem esta língua, deverão estar cientes da condução que receberão do professor e das atividades propostas por ele.

É possível concluir o quanto é necessário incrementar o ensino de Libras e, para isso, a legislação regulamentada deve ser de fato cumprida. Libras, ao estar presente nos espaços da educação escolar, não é privilégio, mas constitui-se em conteúdo fundante ao surdo e elemento agregador para o ouvinte em seu processo de formação genérica, de homem cultural.

## **2.4 O português não é a única língua do país**

É de suma importância tomar conhecimento quanto à história da educação de surdos. Eles sofreram diversas limitações devido às barreiras linguísticas ao preconceito. Por conta do uso da língua de sinais. Foram obrigados a narrarem-se como não ouvintes de acordo com a normalização social. É muito importante também aprender, ainda que de forma breve, sobre as políticas de inclusão e exclusão sociais e educacionais, para assim ter condições de distinguir modelos conceituais sobre os surdos e a surdez sob visão clínica, antropológica e cultural (MACHADO, 2006). O conhecimento sobre esses aspectos permite ao aluno a construção do conceito de surdez bastante diferente daquele que se observa no senso comum.

É muito comum ouvir que no Brasil fala-se apenas uma língua, o português, enquanto, em outros países, informações sobre mais de uma língua falada são corriqueiras. O exemplo disso, a China possui várias línguas oficiais, dentre elas o mandarim e o cantonês. Embora seja comum, esse discurso não é verdadeiro. No território brasileiro encontram-se muitas outras línguas faladas, como as línguas

indígenas e línguas estrangeiras de comunidades de emigrantes que vivem no país. Estas línguas são consideradas línguas não oficiais, ao contrário da Libras, única reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, como o português.

Mesmo sendo reconhecida como um meio de comunicação oficial brasileiro, a Libras não é de domínio de grande parte da população, restrita a pequenos grupos, considerados bilíngues em seu próprio país (BAALBAKI; RODRIGUES, 2011). Este grupo restrito que desenvolveu o conhecimento das duas línguas oficiais do Brasil, por ter adquirido uma língua na modalidade oral discursiva, como o português e outra na modalidade viso manual, apresenta habilidades espaciais que não seria possível desenvolver facilmente no uso da linguagem apenas oral.

Assim, considerando as potencialidades da aquisição desta segunda língua, tanto em benefício individual, quanto em benefício social, quando se fala em inclusão, o estudo de Libras e o contato das pessoas ouvintes com ele mostram-se importantíssimo. Ao estudar uma língua, não se oportuniza apenas o contato com sua estrutura linguística, mas com toda a cultura e história que a engloba. Desta forma, a sociedade não surda teria a possibilidade de compreender os surdos e os processos históricos, culturais e sociais que vivenciaram.

Esses processos vivenciados pelos surdos podem ser compreendidos, segundo Rakoski (2019) ao se considerar a teoria da aculturação de Figueiredo (2006; 2015) sobre aprendizagem colaborativa de línguas. Segundo a autora (2019), esta teoria defende que a aprendizagem de uma segunda língua, no caso, Libras, ocorre de maneira mais facilitada se o estudante conhecer e se adaptar à cultura dos sinalizantes desta língua. Assim, os estudantes de Libras, conseguirão desenvolver de forma mais eficiente seu conhecimento sobre esta linguagem viso manual ao conhecerem, interagirem e terem contato com a cultura dos surdos sinalizantes. O mesmo ocorre com a aquisição de qualquer outra segunda língua, por isso existe hoje no Brasil um movimento para que escolas bilíngues não tratem apenas da questão linguística, mas façam uma abordagem que considere este segundo idioma em sua totalidade, com suas expressões linguísticas, seu vocabulário, sua realidade, cultura, enfim, as características do país ou comunidade falante da língua a ser aprendida.

Considera-se o ensino de Libras como um ensino formal, que deve acontecer dentro de um espaço destinado ao ensino e aprendizagem. Entretanto, este espaço não pode se destinar a atividades com foco exclusivo na prática da língua. Ao considerar a teoria da aculturação e aprendizagem colaborativa de línguas, o professor coloca-se numa posição de mediador, proporcionando em sala de aula momentos de interação comunicacional entre os estudantes, para que, tendo contato com a segunda língua em seu uso, possam exercitar sua conversação de forma significativa, natural.

Desta maneira, para que o estudante desenvolva as competências necessárias para a aquisição de Libras como segunda língua, deve ter contato com esta em seu uso, em diferentes espaços de fala. Isto torna o papel do professor de extrema relevância, pois este, responsável pelo planejamento das atividades que garantirão o desenvolvimento das regras de uso da linguagem, deverá considerar esta questão como estratégia primordial para suas aulas. Libras, considerada como meio legal de comunicação e expressão no Brasil, não pode ser ensinada com foco apenas em expressões e vocabulários, mas sim com foco na cultura surda e seus processos históricos e sociais.

Assim, aprender Libras garante ao ouvinte que desenvolva habilidades linguísticas espaciais que sua língua primária oficial não possibilita; garante o contato com uma cultura diferente da sua, a dos surdos; e proporciona aquisição de competências de tradução e interpretação muito buscadas atualmente no mercado de trabalho.

### **3 METODOLOGIA**

Considerando os objetivos deste estudo, optou-se pela realização de um ensaio teórico que, segundo Severino (2007, p. 206), “[...] é concebido ‘como um estudo bem desenvolvido, formal, discursivo e concludente’, consistindo em exposição lógica e reflexiva e em argumentação rigorosa com alto nível de interpretação e julgamento pessoal”. Ele foi organizado e fundamentado numa revisão crítica da literatura utilizando autores como Baalbaki e Rodrigues (2011), Bernardino, Pereira e Passos (2018), Silva (2020) e Freitas e Araújo (2019).

Foram elencados diversos artigos utilizando a plataforma de busca *google acadêmico* e os descritores combinados: Libras e segunda língua; Ensino e Libras; Libras e ouvintes. Foram obtidos diversos artigos relacionados, sendo utilizadas as publicações dos últimos 5 anos.

Destas publicações, foram eleitos artigos que apresentassem conteúdo relacionado ao tema abordado neste ensaio, Ensino de Libras como L2 para ouvintes adultos, observando por meio de seus resumos e palavras-chave condizentes. Ao todo, foram analisados 10 artigos citados nas referências, entre os quais destacam-se: *A cognição e os princípios teóricos e metodológicos ao ensino de Libras para ouvintes: orientações a professores iniciantes*, de Lídia da Silva (2020) que aborda um viés cognitivo para o ensino de Libras para não ouvintes; *Meio legal de comunicação versus língua oficial: um debate sobre leis*, de Angela Baalbaki e Isabel Cristina Rodrigues (2011), abordando a Língua Brasileira de Sinais sob uma ótica discursiva, colocando em foco as tensões de sentidos que atravessam instrumentos legais no Brasil; e, *Estratégias de ensino da Língua Brasileira de Sinais como segunda língua*, de Elidéa Lúcia Almeida Bernardino, Maria Cristina da Cunha Pereira e Rosana Passos, 2018, que trata das estratégias de ensino da Língua Brasileira de Sinais.

Ainda foram utilizados 4 livros, sendo: *Memória e história: a indagação de Esmeralda de Solange Rocha*; *Educação de Surdos - A aquisição da linguagem de Ronice M. de Quadros*; *Integração / Inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo de Paulo César Machado*; e *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido organizado por Brait*. Além destas referências bibliográficas, o ensaio refletiu criticamente tendo como embasamento documentos como a Declaração de Salamanca (UNESCO); a Lei ordinária nº 23773, de 6 de janeiro de 2021 (MINAS GERAIS); o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL); e, a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL). Todos analisados especificamente no que se referia à Libras e princípios teóricos e metodológicos ao ensino desta língua e que devem ser considerados no processo de ensino e aprendizagem para ouvintes.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O estudo: o ensaio teórico com embasamento bibliográfico explicitou a relevância de se adquirir a Libras como segunda língua, seja pelos benefícios adquiridos pelo falante desta, como aquisição de habilidades específicas proporcionadas pela sua articulação linguística na modalidade viso manual (BAALBAKI; RODRIGUES, 2011); seja pela aquisição de competências de interpretação e tradução proporcionadas pelo domínio de uma segunda língua (BERNARDINO; PEREIRA; PASSOS, 2018); ou pela aquisição dos conhecimentos acerca da cultura desta segunda língua (RAKOSKI, 2019). Todos estes benefícios, aparentemente restritos àquele que aprende esta segunda língua, acabam por beneficiar toda uma sociedade, contribuindo para com a inclusão de pessoas surdas ou com deficiência auditiva e que fazem uso da linguagem de sinais.

Pesquisas demonstram que na aquisição de Libras como segunda língua para adultos ouvintes, os estudantes iniciantes estabelecem maior relação da língua primária com esta segunda e a embasam nas formulações linguísticas proporcionadas pelo professor e pessoas falantes com as quais têm contato, não sendo um processo tão fácil quanto seria para as crianças, onde este processo é facilitado por acontecer concomitante com a aquisição da língua primária. Isto tem explicação em estudos da neurociência, que relacionam o processamento cognitivo e a conectividade neuronal (SILVA, 2020).

Sem adentrar muito no aspecto da neurociência, é fácil perceber que um cérebro mais jovem com certeza terá mais facilidade no aprendizado de uma segunda língua (L2) (SILVA, 2020). Entretanto, segundo Silva (2020), no aprendizado de Libras por pessoas ouvintes, o convívio e o contato intenso com um surdo podem ajudar a enfrentar as dificuldades para adquirir a fluência na Língua Brasileira de Sinais.

A aquisição de Libras como segunda língua, numa modalidade distinta da primeira, incute a reflexão sobre o papel de expressões e movimentos característicos da modalidade viso manuais, como: o olhar, movimento da cabeça, expressões faciais, franzir de testa, postura corporal e gestos bucais. Segundo, Quadros, Pizzio e Rezende (2010, p. 3), “[...] as expressões faciais desempenham um papel fundamental e devem ser estudadas detalhadamente”. Estas expressões costumam ser separadas em dois grupos: as expressões afetivas e as expressões gramaticais. As afetivas não são exclusivas das línguas de sinais e são utilizadas para traduzir sentimentos, muito

utilizadas em todas as línguas de modalidade oral. Já as expressões gramaticais da Libras, são características próprias desta língua e possuem um sentido e significado dentro desta em seu contexto de uso, assim como outras línguas possuem suas regras.

Segundo Silva (2020), as expressões faciais utilizadas em Libras pelo aprendiz ouvinte, acabam por se caracterizar como um fator que dificulta a aquisição da língua devido a sua carga gramatical e por se tratar de um mecanismo extremamente relevante para a fluência em Libras, não sendo tão fácil para os ouvintes brasileiros sinalizantes de Libras como L2M2.

Considerando a Libras como uma língua cuja aprendizagem se dá mais facilmente em ambientes em que a interação comunicativa ocorre de forma natural e informal entre surdos e ouvintes falantes e a importância do uso das expressões faciais pode-se afirmar que o aprendiz que procura participar da comunidade surda, com suas diferentes culturas e modelos linguísticos, pode apresentar maior facilidade em desenvolver sua fluência.

Por esta razão, o papel do professor de Libras é de extrema importância. Ele deve proporcionar aos estudantes estratégias variado que coloquem o aprendiz em contato com a cultura surda e as variedades linguísticas apresentadas pelos falantes da língua. Entretanto, mesmo com toda essa sensibilidade pedagógica, o estudante que conseguir ampliar o contato com esta segunda língua em contextos extraescolares, como em comunidades surdas, pode promover interações comunicativas muito mais naturais, enriquecendo seu conhecimento e desenvolvendo a fluência com muito mais rapidez que o aluno que não o conseguir.

Alguns espaços coletivos sociais podem viabilizar o contato do aprendiz de libras ouvinte com comunidades surdas, promovendo estas interações comunicativas naturais que complementam o ensino escolar, como espaços religiosos, associações de surdos, congressos e palestras sobre Libras, entre outros.

O professor de Libras precisa ser um conhecedor dos tipos de abordagem que pode vir a utilizar em suas aulas, sejam elas tecnicistas passivas, praticantes reflexivas ou intelectuais transformadoras, podendo mesclá-las de acordo com as propostas adotadas e momentos do planejamento. Ademais, é preciso ser conhecedor dos vários métodos de ensino de línguas, para poder optar pelo mais adequado de acordo com sua

realidade, alterando, modificando e complementando-os partindo do seu conhecimento e das necessidades dos seus estudantes, agindo na perspectiva defendida pelas autoras Bernardino, Pereira e Passos (2018), como pós-método.

Outro ponto de destaque evidenciado pela pesquisa bibliográfica é que o ouvinte reconhecido pela comunidade surda é aquele que se torna adepto e defensor na luta por esclarecer para a comunidade não surda as questões culturais e sociais dos surdos. Esse ouvinte que pertence a comunidade não surda passa a atuar nela com seus posicionamentos éticos de respeito aos surdos e deficientes, ponderando e esclarecendo equívocos, buscando por equidade através da acessibilidade que os surdos necessitam na sociedade.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Constata-se neste estudo que o reconhecimento de Libras como meio de comunicação oficial no Brasil deu-se recentemente, há apenas 16 anos, dado pelo Decreto nº 5.626 em 2005. Mesmo assim, tendo poucos anos de reconhecimento, estudos vêm sendo realizados com o intuito de democratizar o acesso a esta linguagem, como os utilizados para embasamento teórico neste estudo de caso, a exemplo, os estudos de Baalbaki e Rodrigues (2011), Bernardino, Pereira e Passos (2018), Silva (2020) e Freitas e Araújo (2019).

Neste cenário, o problema levantado neste estudo foi respondido, pois, o ensino de Libras para ouvintes é objeto de interesse da sociedade e ajudaria na inclusão de pessoas com surdez na medida em que, se apropriando a cultura surda, o aprendiz ouvinte de Libras poderia agir como um aliado da comunidade surda, auxiliando-os a enfrentar os problemas de equívocos, de preconceitos, auxiliando na acessibilidade desta parcela da população brasileira. Assim, visando toda a realidade dentro da experiência de estar contribuindo para a verdadeira inclusão de surdos foi possível perceber que o ensino de libras para adultos ouvintes é de grande e fundamental importância, uma vez que alunos, crianças, aprenderão se tiver um adulto para ensinar.

Outra questão fundamental respondida neste estudo está relacionada ao papel do professor na aprendizagem de Libras como segunda língua. Primeiramente,



considerando que o ensino de Libras ocorre por um processo formal, em um ambiente formal como as escolas, o professor torna-se um protagonista no processo. Além disso, é importantíssimo que ele compreenda bem a Língua, que está ancorada em processos distintos da língua portuguesa, oral, caracterizando-se por uma modalidade viso manual. Compreendendo suas características, o professor de Libras precisa organizar suas aulas favorecendo estratégias variadas que possibilitem ao estudante contato com as variadas expressões afetivas e faciais, com os sinais, movimentos corporais, entre outros elementos utilizados na língua. Além disso, o professor deve favorecer a aprendizagem e o contato com a cultura dos falantes (sinalizantes) originais da língua, ou seja, com os surdos e deficientes auditivos.

Assim, o papel do professor de Libras é o papel de um professor que a considera como meio legal de comunicação e expressão, devendo garantir que os estudantes ouvintes entreguem-se ao contato com as características desta comunidade falante da segunda língua, pois, é impossível ensinar uma segunda língua, com suas expressões, seu vocabulário, sua gramática e variações linguísticas, sem vincular as palavras à cultura relacionada a elas. Ainda assim, é importante reconhecer que, conhecer sobre as metodologias e estratégias de ensino, bem como a compreender algumas teorias sobre o processo de aquisição/aprendizagem de línguas segundas, ou sobre a cultura e história de Libras, não valerão de nada se o professor não considerar as características de seus alunos, sua diversidade, heterogeneidade e individualidade. Ele precisa agir com criticidade, refletindo sobre seus conhecimentos numa perspectiva metodológica nomeada por pós-método (KUMARAVADIVELU apud BERNARDINO; PEREIRA; PASSOS, 2018). O ensino de Libras, assim como o ensino de qualquer língua ou qualquer outro conteúdo, não pode ser pensado igual para todos, é preciso conhecer seu estudante para refletir sobre as melhores estratégias para o seu desenvolvimento.

Outro ponto importante registrado nesta pesquisa foi o fato de que com adultos, o processo de aquisição de uma segunda língua é um pouco mais complexo, pois a língua primária acaba por exercer forte influência na aquisição da segunda. O fato de ser complexo, entretanto, não o torna impossível e algumas estratégias favorecem sua aquisição e fluência, como por exemplo, sua imersão em comunidades surdas, contato

com sinalizantes de Libras em ambientes naturais e informais, complementando o aprendizado que ocorre em sala de aula.

Por fim, conclui-se que, em todo processo de aprendizagem, há diversos fatores envolvidos, como o professor, os estudantes e suas diferentes realidades, motivações, entre outros, mais um motivo que sustenta a necessidade de os professores conhecerem diversos métodos, mas agir criticamente sobre eles, adequando-os a sua necessidade. Aprender uma segunda língua não é um processo natural, precisa acontecer num ambiente formal como uma escola, para que algumas regras e características da língua possam ser analisadas, como, no caso da Libras, os sinais, movimentos corporais, regras gramaticais próprias, expressões faciais e afetivas, entre outras. Este processo, para pessoas ouvintes é uma tarefa mais complexa ainda, pois é preciso transgredir de forma oral para a forma visuo manual e, os aprendizes precisam ser acolhidos em suas dificuldades, num ambiente propício para isso, sem hostilidades. Finalmente, destaca-se que é importante criar um ambiente amigável e cooperativo para se ensinar os aspectos de Libras e a cultura das comunidades surdas para todos.

Este estudo bibliográfico levantou de forma sucinta as características básicas da Libras como uma segunda língua oficial brasileira e a importância de se oportunizar o contato com ela nas escolas, para todas as crianças. Neste cenário, o professor tem um papel importantíssimo e precisa se empenhar na busca pelas melhores estratégias. Assim, a pesquisa abre perspectiva para novos estudos, acompanhando o ensino de Libras em estudos de Campo, observando as estratégias e metodologias utilizadas por professores desta língua, sua eficiência, bem como a forma como a cultura surda é abordada neste ensino. Outra possibilidade é a continuação da pesquisa com estudos de campo realizados em escolas, com crianças ouvintes, oportunizando o ensino de Libras para este grupo etário, verificando como se dá o aprendizado, suas facilidades e dificuldades.

## REFERÊNCIAS

BAALBAKI, A.; RODRIGUES, I. C. **Meio legal de comunicação versus língua oficial**: um debate sobre leis. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 27/28, p. s.p., 2,

2011. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao27e28/cronica.pdf>. Acesso em 28 out. 2021.

BERNARDINO, E. L. A.; PEREIRA, M. C. da C.; PASSOS, R. Estratégias de ensino da língua brasileira de sinais como segunda língua. **Trama**, [S. l.], v. 14, n. 32, p. 27–39, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/19354> . Acesso em: 28 out. 2021.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em 11 out. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em 11 out. 2021.

BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. 385p.

FREITAS, M. C. de; ARAUJO, N. R. S. de. **Relato de experiência com crianças surdas na escola pública: a importância estratégica da Língua de Sinais**. Horizontes, 37, e019016, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v37i0.662>. Acesso em 08 out. 2021.

HARRISON, Kathryn Marie Pacheco *et al.* **Libras, uma introdução**. Coleção UAB–UFSCar, Língua Brasileira de Sinais. –, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil, 2011.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; CAPORALI, Sueli Aparecida; LODI, Ana Claudia. Questões preliminares sobre o ensino de língua de sinais a ouvintes: reflexões sobre a prática. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, 16(1): 53-63, abril, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/viewFile/11620/8352>. Acesso em: 27 mar. 2021.

MACHADO, Paulo César. **Integração/Inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo**. Em QUADROS, Ronice Müller de. (Org.). Estudos Surdos I - Série Pesquisas. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006.

MARQUES, Marcley da Luz. **A Formação Do Professor Para Educação De Surdos**. EDUCERE – XIII Congresso Nacional de Educação, 2017. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/22957\\_11835.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/22957_11835.pdf). Acesso em: 03 set. 2020.

MINAS GERAIS, **Lei ordinária nº 23773**, de 6 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-23773-2021-minas-gerais-institui->

[diretrizes-para-a-criacao-de-escolas-bilingues-em-lingua-brasileira-de-sinais-libras-e-lingua-portuguesa-na-rede-estadual-de-ensino](#). Acesso em 08 out. 2021.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos** - A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis. **Estudos Surdos** ed. Eletrônica, Ed. Arara Azul, 2007.

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. Língua Brasileira de Sinais VI. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, 2010. Disponível em: [https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/linguaBrasileiraDeSinaisVI/assets/619/TEXT0\\_BASE\\_-\\_LIBRAS\\_VIIn.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/linguaBrasileiraDeSinaisVI/assets/619/TEXT0_BASE_-_LIBRAS_VIIn.pdf). Acesso em 11 out. 2021.

RAKOSKI, Louise. **[Libras] Aprendizagem de Libras por um ouvinte**. Portal Ensino Digital, 18 jun. 2019. Disponível em: <https://ensino.digital/blog/aprendizagem-de-libras-por-um-ouvinte> . Acesso em: 27 mar. 2021 .

ROCHA, Solange Maria da. **Memória e história: a indagação de Esmeralda/ Solange Rocha**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2010.

SILVA, Lídia da. **A cognição e os princípios teóricos e metodológicos ao ensino de Libras para ouvintes**: orientações a professores iniciantes. Revista Linguagem em Foco, v.12, n.3, 2020. p. 197-218. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/2630>. Acesso em: 08 out. 2021.

UNESCO. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). **Declaração de Salamanca de princípios, política e prática para as necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994.